Caderno de História, nº 20
Memorial do Rio Grande do Sul



S. Inácio de Loyola e o exército de Cristo

HORÁCIO BOTERO, SJ.

Título do original castelhano:

INÁCIO DE LOYOLA
FUNDADOR DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS.

Tradução:

Pe. Benno Brod, SJ.

Edição original :Arte Publicaciones (Bogotá, Colômbia, s/d)

Inácio de Loyola, e o exército de Cristo

Santo Inácio de Loyola é mais conhecido por sua obra, a Companhia de Jesus, do que pessoalmente. Sabe-se dele que foi o autor dos Exercícios Espirituais, onde se revela como profundo "psicólogo espiritual". Poucos o identificam como o Sacerdote orientador de outros, como o homem de traços humanos e simples, que conseguiu infundir nos demais seu entusiasmo pela pessoa de Jesus Cristo. Seu lema "Tudo para a maior glória de Deus" espelha um homem incapaz de mediocridade, um lutador persistente em favor da única causa que vale a pena.

Santo Inácio de Loyola (1491-1556)

No centro da atual cidade de Roma, ergue-se a belíssima Igreja do Gesù, construída em fins do século XVI, junto à casa em que morreu Santo Inácio e residiram, também, os primeiros Gerais dos jesuítas (os chefes da ordem). Ainda que o edifício tenha sido muito reformado conservam-se os aposentos simples que Santo Inácio ocupou. E, num magnífico altar lateral da Igreja, repousam os restos mortais do homem que fundou a Companhia de Jesus.

Roma, 1553, junto à Igreja de Nossa Senhora da Estrada, vive um grupo de sacerdotes que faz apostolado e tem obras sociais para enfermos, menores abandonados, jovens estudantes e inclusive prostitutas. Muita gente vem consultá-los. E a correspondência que daqui sai e para cá vem é abundante.

Sinal de que existe uma organização. Quem são esses homens e qual é o seu projeto?

Trata-se da Companhia de Jesus, instituição que o Papa Paulo III aprovou há 13 anos. Já se estendeu por toda a Europa e possui missões na Ásia e na América. Acredita-se que seus membros passam de mil, e seu Fundador ainda vive: é um homem de baixa estatura, um tanto coxo e sujeito a freqüentes cólicas estomacais; é um sacerdote bondoso e enérgico, que reza e trabalha duramente, apesar de seus 63 anos. Chamam-no de "o Padre Mestre Inácio", ou simplesmente "nosso Padre".

Donde veio Inácio de Loyola? Foi um homem sempre dedicado ao serviço de Deus? Como se originou a Companhia de Jesus? É o que perguntam os que começam a conhecê-la; é o que desejam saber os que se vão incorporando nela. Mas o Fundador fala pouco de si mesmo, e seus companheiros temem que ele venha a morrer sem ter comunicado suas interessantes memórias. Finalmente, em 1553, Inácio aceita contar sua vida ao Padre Luis Gonçalves da Câmara, um português que veio, como administrador, para a comunidade de Nossa Senhora da Estrada.

Inácio fala. Gonçalves faz perguntas e toma notas. Depois redige "o diário do peregrino", verdadeira autobiografia de Inácio. São páginas simples que mostram como, nos seus primeiros trinta anos, Loyola foi um cavalheiro espanhol "dado às vaidades do mundo" e como, nos dezoito anos seguintes, andou em busca da "vontade de Deus", e que finalmente, a partir de 1539, fundou a Companhia de Jesus, com nove companheiros da Universidade de Paris. O Papa aprovou seu modo de vida em 1540.

Seu verdadeiro nome é Íñigo López de Loyola. Nasceu perto de Azpeitia (Província de Guipúzcoa, Espanha), no castelo da família, em 1491. Era um ano antes do "descobrimento" da América, quando uma nova época se anunciava e quando a Espanha começava a ser poderosa e influente, graças à união das coroas de Castelo e Aragão, nas pessoas dos Reis Católicos, Isabel e Fernando.

Íñigo foi um dos onze filhos de Beltrão Ibáñez de Oñaz e de Marina Sánchez de Licona, senhores de Loyola e, como tais, pertencentes à nobreza da região basca: este pequeno rincão de homens honrados, decididos e leais, ainda em nossos dias, conservam sua identidade bem definida.

Os primeiros anos de Loyola não apontaram, aparentemente, para o que ele chegará a ser. Pouco se sabe da sua infância e alguma coisa mais de sua juventude: entre os 16 e os 26 anos, esteve em Arévalo como pajem de Dom Juan Velásquez de Cuéllar, Contador Maior (algo assim como Ministro de Finanças) do Rei Fernando. Por esta época já tinha perdido seus pais. Em

Arévalo aprendeu a escrever, recebeu instrução militar, e assimilou, sobretudo, o espírito de luta, de lealdade e de cortesia que os "grandes" da Espanha então viviam.

Será que Loyola foi em sua juventude um homem afastado de Deus e dos bons costumes? Provavelmente não foi nem melhor nem pior que as pessoas de seu meio. Ribadeneira, seu primeiro biógrafo, descreve-o como um "moço elegante e polido, que gostava de trajar bem". Chama-o também de "soldado dissoluto e vaidoso", quer dizer, aquilo que chamamos de um homem do mundo. A Autobiografia, ou as notas que Íñigo ditou a Luís Gonçalves da Câmara, nos diz que *"até os vinte e seis anos de idade foi um homem dado às vaidades do mundo e principalmente se deleitava no exercício das armas, com um grande e vão desejo de ganhar honra"*. Como muita gente de seu tempo, alternava fé profunda com sérias falhas morais. João Polanco, que será seu secretário durante os últimos nove anos de sua vida, nos diz que o Padre Inácio *"até a época de sua conversão, ainda que tivesse apego à fé, não vivia de modo nenhum conforme ela, nem se afastava de pecados; antes era especialmente dado a jogos e coisas de mulheres e irrequieto em revoltas e em coisas de armas"*.

Em 1516 deu-se uma mudança na vida de Íñigo. Morreu o Rei Fernando. Seu neto e sucessor Carlos I (o futuro Imperador Carlos V) decretou que, a título de pensão, fossem dadas à Rainha viúva Germana de Foix, a vila de Arévalo e outras três cidades de Castela. Dom Juan Velázquez de Cuéllar não aceitou tal decisão e ele, que fora Contador Maior e Testamentário dos Reis, se viu caído em desgraça. Morreu pouco depois. O jovem Loyola experimentou, então, como é instável e inseguro o serviço a um "grande" do mundo. E teve que buscar melhor sorte em outro lugar.

Em 1517, foi recebido como gentil-homem na corte do Duque de Nájera, Dom Antônio Manrique de Lara, que residia em Pamplona como Vice-rei de Navarra. Loyola passou a ser homem de confiança, diplomático e militar às ordens do novo chefe. Em 1521, aos 30 anos, encontrou-se pacificando algumas vilas do território basco, onde *"mostrou ser habilidoso e prudente nas coisas do mundo e no trato com os diversos tipos de homens, especialmente em conseguir harmonizar diferenças e discórdias",* como refere Polanco.

Loyola, ferido, muda de vida

A data-chave da vida de Íñigo de Loyola foi o ano de 1521, quando tinha trinta anos. Navarra tinha sido um reino independente até seis anos antes. Agora estava incorporada a Castela e era governada por um Vice-rei. Mas existia uma facção que ansiava por voltar à autonomia. O Rei da França, Francisco I, decidiu apoiar esses anseios e enviou um exército de 13.000 homens para tomar Pamplona. Enquanto o Vice-rei procurava reforços em Castela, os franceses entraram na cidade, dividida em duas facções. Loyola entrincheirou-se no castelo, com um punhado de homens, disposto a resistir até o fim. Mas nem sempre as coisas saem como a gente pensa. No dia 24 de maio, uma bala de canhão passou pelo meio das pernas de Íñigo, destroçando-lhe a direita e ferindo a esquerda. A fortaleza caiu em poder do inimigo. Íñigo foi tratado com fidalguia pelos franceses e conduzido para Loyola, uns 30 quilômetros, em maca.

Em Pamplona começou, assim, a segunda parte da vida de Íñigo de Loyola. Mais tarde, ele trocará seu nome pelo de Inácio, com o qual o conhecemos, "por lhe parecer mais comum em outras nações". Tem-se comparado a ferida de Pamplona com a queda do cavalo que sofreu São Paulo no caminho de Damasco. Em ambos os casos houve uma radical mudança de vida. A mudança de Paulo foi mais rápida. A de Inácio mais lenta e dolorosa: teve tempo de rever e analisar o rumo de sua existência. Diz a Autobiografia que em meados de junho os médicos *"julgaram que a perna deveria ser outra vez quebrada para repor, depois, os ossos em seus lugares; diziam que ou tinham sido mal ajustados na primeira operação ou se tinham deslocado durante o caminho. Assim, fora do lugar, não podiam sanar. E procedeu-se de novo a esta carniçaria. Nela, como em todas as outras a que foi submetido antes ou a que seria submetido depois, nunca disse uma palavra, nem mostrou outro sinal de dor senão apertar muito os punhos".*

Apesar de tanta coragem, o enfermo piorava e no dia 24 de junho recebeu os últimos sacramentos. A partir do dia 29, festa de São Pedro, de que era muito devoto, Inácio começou a melhorar. Quando já se podia manter em pé, tomou uma decisão que apavorou a todos: pediu aos médicos que lhe cortassem a saliência de um osso que aparecia abaixo do joelho. Eles lhe afirmaram que a dor seria insuportável, mas o enfermo não desistiu e se submeteu a uma nova operação (naturalmente, sem anestesia!), *"o que o ferido suportou com a costumeira paciência",* segundo suas próprias palavras. Depois vieram intermináveis trações da perna, a qual, contudo, lhe ficou um

pouco mais curta, pelo que Loyola conservou por toda sua vida "um gracioso coxear".

A conversão

Aqui se situam as interessantes reflexões que Inácio conta em sua Autobiografia e que constituem uma profunda análise do que é uma conversão. Quis ler livros de cavalaria, romances de aventuras como as que Cervantes critica no Dom Quixote. Mas, na casa de Loyola, seu irmão e a cunhada somente possuíam uma edição da "Vida de Cristo" e uma outra da "Vidas de Santos". Para suportar o longo tempo de convalescença, começou a ler e, insensivelmente, se lhe foram abrindo os olhos: *"algumas vezes parava pensando nas coisas que tinha lido; outras, para pensar nas coisas do mundo em que antes costumava pensar...",* diz Inácio. E acrescenta que pensava horas a fio nas honrarias e na conquista de uma nobre dama. Depois perguntava a si mesmo: *"que tal se eu fizesse aquilo que fez São Francisco e o que fez São Domingos?"*. E percebeu uma diferença: "quando pensava nas coisas do mundo, gostava muito; mas quando, depois de cansado, deixava de pensar nisso, sentia-se árido e insatisfeito. E quando imaginava ir a Jerusalém descalço e em não comer senão ervas, e em fazer todas as outras penitências que tinha visto os santos fazer, não apenas se sentia consolado quando estava em tais pensamentos, senão que, mesmo depois de deixá-los, continuava contente e alegre".

Essas reflexões são o começo do chamado "discernimento espiritual" tão característico de Inácio, que o colocou na história da espiritualidade como um verdadeiro mestre e um profundo psicólogo. Entre agosto de 1521 e fevereiro de 1522, Loyola tomou a decisão de seguir Jesus Cristo e de ir como peregrino a Jerusalém, quando estivesse curado.

Ante o desapontamento de seus familiares, cavalgando uma mula, com dois criados que o acompanharam durante uns dias, Inácio rumou a Montserrat, santuário em que se venera a imagem morena da Virgem Maria. No caminho fez voto de castidade. Ao chegar, se confessou "durante três dias" com um dos monges beneditinos da abadia. Depois, como faziam os cavaleiros medievais, quis passar a noite velando suas novas armas: *"Na véspera de Nossa Senhora, março de 1522, dirigiu-se de noite o mais secretamente que pôde, a um pobre e, despojando-se de todas as suas vestes, lhas deu. A seguir vestindo-se com sua almejada roupa (de mendigo), foi ajoelhar-se diante do altar de Nossa Senhora. Passou ali toda a noite, ora de joelhos ora de pé, com seu cajado na mão. Ao amanhecer partiu, não pelo*

caminho de Barcelona onde encontraria muitos que o reconheceriam e o honrariam, mas foi para um povoado chamado Manresa".

Servindo aos enfermos do hospital, entre jejuns e longas orações, "o peregrino" passou onze meses em Manresa. A maioria das pessoas talvez o tenha tomado por louco, alguns terão pensado que era santo. Ele apenas se preocupava em anotar suas experiências espirituais num livrinho que chamou de "Exercícios Espirituais", destinado a mudar a vida de muitas pessoas. Mais ainda, nesses apontamentos está o germe da obra de Loyola: a Companhia de Jesus.

Anos mais tarde, quando houve ocasião de perguntar a Inácio por que este ou aquele modo de ser da Companhia de Jesus, ele respondia: "isto se explica por algo que me aconteceu em Manresa". Efetivamente em certa ocasião, às margens do rio Cardoner, Loyola teve uma iluminação interior que ele mesmo descreve assim: *"estando ali sentado, começaram a abrir-se-me os olhos do entendimento; não que visse alguma visão, mas entendendo e conhecendo muitas coisas... e isso com uma iluminação tão grande que todas as coisas lhe pareciam novas... de modo que por toda a sua vida, já passados agora sessenta e dois anos, não lhe parece ter alcançado tanto como naquela única vez".* A iluminação do Cardoner deve ter sido uma das graças mais notáveis que Deus concedeu a Inácio.

Ao deixar Manresa, Inácio já vislumbrava a "vontade divina" sobre sua vida. Sabe que o homem "é criado para servir a Deus" e ajudar aos demais; sabe que Jesus Cristo é o único Chefe, por quem vale a pena lutar, e toma a resolução de "conhecê-lo melhor para amá-lo mais e imitá-lo o mais fielmente possível". Por isso põe em prática seu desejo de visitar a terra de Jesus.

Da terra de Cristo aos estudos



Inácio recuperando-se dos ferimentos

Em março de 1523 embarca em Barcelona rumo a Itália. Em Roma consegue a permissão de ir como peregrino a Jerusalém e se dirige a Veneza, porto de embarque da única viagem que havia para a Terra Santa. Dizia-se então que os peregrinos precisavam de três sacos: um de dinheiro, outro de paciência e outro de fé. Loyola só tinha os dois últimos, porque desde que deixou sua terra vive apenas de esmolas. Consegue que um grupo de 20 peregrinos o leve consigo. Zarpam de Veneza a 24 de julho. A travessia é perigosa, porque os turcos e os cristãos não convivem em paz no Mediterrâneo. Por fim chegam e Inácio não quer mais abandonar a terra que viu nascer Jesus Cristo: passa todo o mês de setembro embebendo a alma daquela paisagem, daquelas recordações históricas. Suplica aos Padres Franciscanos, custódios dos Lugares Santos, que o deixem ficar ali para sempre. Eles não lho permitem, por causa das dificuldades com as autoridades turcas, e o peregrino tem de regressar. Mas leva consigo um propósito: vai estudar o que for necessário para "servir melhor ao Senhor ajudando as almas".

Em 1524 encontramos novamente Inácio em Barcelona, onde tinha amigos que ajudavam a sustentá-lo. E decidiu começar ali mesmo seus estudos de latim e humanidades. Não devia ser fácil a um homem de sua idade (33 anos) e de sua experiência, sentar-se nos bancos para estudar ao lado de

meninos quinze ou vinte anos mais novos que ele. Dois anos bastaram para alcançar o nível exigido e estar em condições de começar o curso de Artes, isto é, Filosofia. Era a melhor preparação para se tornar Sacerdote, meta que Inácio se propusera desde seu regresso de Jerusalém.

Em 1526 e 1527 Loyola freqüenta cursos universitários em Alcalá e Salamanca. Simultaneamente empreende obras sociais, prega e dá os Exercícios. Alguns companheiros de estudo imitam seu estilo de vida. Mas a Inquisição não vê com bons olhos que alguém, que não é Sacerdote nem completou seus estudos, realize esses apostolados. Por duas vezes o encarceram e examinam seu livro de Exercícios Espirituais, mas não encontram nenhum erro nem em sua vida nem em seus escritos. Inácio toma então a decisão de procurar um ambiente mais aberto e dirige-se à universidade mais famosa de então: a Sorbona de Paris, percorrendo o longo trajeto a pé e sozinho.

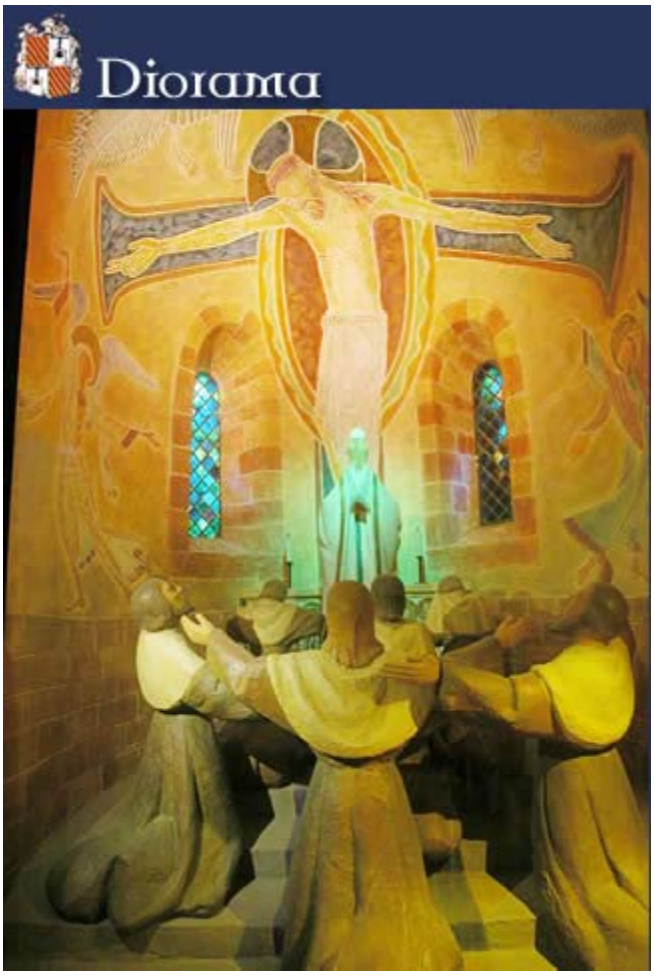
A permanência de Inácio em Paris, entre 1528 e 1535, foi definitiva para a orientação de sua vida e para a fundação da Companhia de Jesus. Durante os três primeiros anos era tal a falta de recursos, que o estudante se viu obrigado a viajar a Flandres, durante as férias, para pedir esmolas entre os ricos comerciantes espanhóis. Estuda com inflexível firmeza e, ao mesmo tempo, vai formando à sua volta um grupo de "amigos do Senhor" que aceitam viver a experiência dos Exercícios Espirituais.

O que aconteceu em seguida não foi simples casualidade. Inácio é admitido em 1529 como pensionista no Colégio de Santa Bárbara onde compartilhou o quarto com outros dois estudantes, quinze anos mais jovens do que ele: Pedro Fabro, de Sabóia (França) e Francisco Xavier, de Navarra (Espanha). Fabro, mais comedido e de boa índole, fez os Exercícios com tal fervor, que Inácio teve que lhe dar ordens para que se alimentasse, pois queria jejuar todo um mês. Xavier, mais impulsivo e ambicioso, levou mais tempo para se render à evidência de um chamamento de Deus. Os dois irão muito longe no caminho da santidade: o Bem-aventurado Pedro Fabro, missionário na Europa Ocidental, enquanto São Francisco Xavier tornou-se o grande missionário das Índias Orientais.

Ao tempo em que avançam nos estudos, vêem o grupo crescer com os espanhóis Diego Laínez, Afonso de Salmerón de Nicolau Bobadilla, e com o português Simão Rodrigues. Em abril de 1534, Loyola recebe o grau de "Mestre em Artes" e começa a Teologia. É o líder indiscutível do grupo, ainda que oficialmente não tenham um chefe. Vão unificando suas idéias: querem seguir Jesus Cristo ajudando os demais. Entusiasmados pela experiência da viagem de Inácio à Terra Santa, anelam peregrinar em grupo a Jerusalém. E se

não puderem realizar esse sonho? Neste caso, irão a Roma e se colocarão às ordens do Vigário de Cristo, para que ele os envie aonde lhe parecer bom.

Na colina de Montmartre



Inácio e seus companheiros no voto de Montmartre

Valia a pena oferecer solenemente a Deus esses ideais. Assim, a 15 de agosto de 1534, os sete sobem a colina de Montmartre, onde existia uma capelinha em honra à Virgem Maria. Pedro Fabro, que é Sacerdote, há quatro meses, celebra a Missa. Antes de comungarem, todos fazem o voto de pobreza e castidade e o de peregrinarem a Jerusalém. Estão felizes. Parecem ter encontrado seu posto no mundo, aquilo para o qual Deus os fizera dar tantas

voltas na vida. Ainda que não tenham intenções de fundar um Instituto religioso, de fato já constituem um.

Em 1535, a saúde de Inácio fraqueja. Afligem-no terríveis dores de estômago. Quando morre, vinte e um anos depois, os médicos que farão a autópsia descobrirão enormes cálculos biliares. Inácio suportou-os durante longos anos, com dores que aparentemente eram gástricas. Os companheiros de Paris aconselharam Inácio a viajar para sua terra a fim de se refazer. Foi decidido que Fabro permaneceria como "irmão maior", que arrumariam um cavalo para Inácio viajar a Espanha, e que em janeiro de 1537, todos se encontrariam em Veneza, para encetar a peregrinação aos Lugares Santos.

Assim, temos a Inácio novamente em Azpeitia, quatorze anos depois de ter deixado seu povo como peregrino ou aventureiro de Deus. Vem, agora, com o propósito de dar bom exemplo e ajudar espiritualmente aos seus. Todos vêem nele o mesmo Íñigo decidido e voluntarioso, agora lutando pela causa do Rei Eterno. Não aceita hospedar-se no castelo paterno. Vai ao hospital da Madalena. Durante três meses prega, aconselha, ajuda. Refeito, de alguma forma, de seus achaques de saúde, despede-se pela segunda e última vez de sua terra e de sua gente, e atravessa a Espanha para embarcar no Mediterrâneo (possivelmente em Valência), com destino a Itália. Chega a Veneza em janeiro de 1536, um ano antes do previsto. Ali dá continuidade aos seus estudos teológicos e não esquece seu costume de oferecer os Exercícios Espirituais a amigos e conhecidos, até que finalmente chegam os companheiros de Paris. Deve ter sido grande a alegria do reencontro, principalmente quando Inácio conheceu os três novos iniciados que em Paris se agregaram ao grupo: Cláudio Jay e Pascásio Broët, sacerdotes, e João Codure, todos franceses.

O grupo se aloja em dois hospitais de Veneza. Eles ajudam os enfermos e vão pregar pela cidade. Em março de 1537, com exceção de Inácio, vão a Roma a fim de pedir ao Papa a permissão, que seria dada na Páscoa, para irem como peregrinos a Jerusalém. Paulo III os recebe pessoalmente, concede-lhes a licença que pedem e dá-lhes, além de uma boa esmola, a autorização a que qualquer Bispo ordene Sacerdotes aos que ainda não o são. De volta a Veneza, esperam que sem demora se organize a viagem a Jerusalém. Mas a grande cidade está em guerra com os turcos, e pela primeira vez em 38 anos, suspende-se a peregrinação, por ser perigoso aventurar-se a mares e terras do inimigo. Os companheiros decidem se preparar para receber o Sacerdócio. No dia 24 de junho de 1537, o Bispo de Arbe, Vicente Nigusanti, confere a Ordenação Presbiteral a Inácio, Xavier, Laínez, Bobadilla, Rodrigues e Codure. Do grupo, somente Salmerón não se ordena, pois não tem a idade requerida: apenas completara 22 anos.

A Ordenação Sacerdotal, recebida por Inácio aos 46 anos, foi para ele o acontecimento central de sua vida interior. Durante mais de um ano se preparou para sua primeira Missa. E, desde então, a Eucaristia foi para ele o centro de sua oração, o eixo de sua união com Deus.

Os "amigos no Senhor" vão perdendo as esperanças de realizarem a peregrinação à Terra Santa. Decidem cumprir a segunda parte do prometido: ir a Roma colocar-se às ordens do Papa. E se lhes perguntarem quem eles são, o que deverão responder? Os companheiros pensam nisso a fundo e decidem com firmeza: a COMPANHIA DE JESUS. Este nome não foi casual. Pareceu-lhes que seu único chefe era Jesus Cristo e que, por conseguinte, deviam ter seu nome como distintivo.

A Companhia de Jesus



Entrando em Roma, em novembro de 1537, o grupo caminhava alegre. Inácio se deteve na capelinha de La Storta, bem perto da cidade, e ali teve uma visão espiritual que depois comunicou a seus companheiros: sentiu que Deus Pai "o colocava junto de seu Filho" e que Jesus, que carregava a cruz, lhes prometia: "Eu estarei com vocês em Roma". Inácio sentiu-se ainda mais comprometido com Cristo e com os seus companheiros, confirmando de que seu grupo devia chamar-se Companhia de Jesus. Um nome que era todo um

programa: ser, de verdade, companheiros de Jesus, alistados "debaixo de sua bandeira", para se empregar no serviço de Deus e na ajuda aos próximos.

Em Roma, os companheiros começaram seus trabalhos apostólicos, conservando a esperança de poderem viajar a Jerusalém em junho de 1538. Lá, queria Inácio, oficiar a sua Primeira Missa. Ao se desfazer também essa esperança, celebrou-a na noite de Natal daquele ano no altar do presépio na Igreja de Santa Maria Maior. Desde sua Ordenação, havia dezoito meses, Inácio vinha se preparando para aquele momento!

Durante os primeiros meses de 1539, o grupo deliberava à noite sobre a proposta que apresentariam ao Papa: iriam pedir que os aceitassem como um corpo apostólico, não como indivíduos isolados. Fariam, além dos três votos religiosos, um voto especial de obediência ao Vigário de Cristo, para que ele os enviasse aonde julgasse melhor. O Geral seria vitalício. A vida comunitária seria simples e estaria orientada ao trabalho apostólico: por isso não podiam gastar as horas no canto do Ofício divino, nem ter penitências exteriores. Com a ajuda dos demais, Inácio compôs a "Fórmula do Instituto", que o Papa Paulo III, depois de minucioso exame, aprovou a 27 de setembro de 1540, com a Bula "Regimini militantis Ecclesiae". A Companhia de Jesus existia como Ordem Religosa.

Era preciso escolher o Geral e fazer os Votos, como membros de uma Ordem Religiosa. A dispersão missionária tinha começado. Xavier já estava no Extremo Oriente, donde não haveria de regressar mais; Rodrigues encontrava-se em Portugal, Fabro, na Alemanha e Bobadilla, em Nápoles. Antes de partir, todos deixaram seu voto, fechado, para a eleição do Geral. Esta se realizou em abril de 1541. Estavam presentes Inácio, Laínez, Salmerón, Jay, Broët e Codure. Ninguém se surpreendeu com a unanimidade: todos votaram em Inácio, menos ele mesmo. Ainda que quisesse evitá-lo, teve de aceitar. E a 22 de abril desse mesmo ano de 1541, os seis fizeram seus Votos solenes a Deus, em presença do Padre Mestre Inácio, que celebrava a Missa na Basílica de São Paulo. Depois visitaram as sete Igrejas de Roma.

Dos 50 aos 65 anos, até sua morte, em 1556, Inácio de Loyola foi o Geral da Companhia por ele fundada. Além dos Exercícios Espirituais, deixou como escritos as Constituições da nova Ordem e cerca de sete mil cartas, enviadas aos companheiros dispersos, nas quais orienta, anima, corrige. São uma admirável combinação de fé em Deus e de prudência humana, segundo sua expressão: *"devemos fazer as coisas como se tudo dependesse de nós, e esperar o resultado como se tudo dependesse de Deus"*. Para toda essa correspondência lhe ajuda seu infatigável secretário João de Polanco.

As Constituições da Companhia de Jesus

Inácio escreve as Constituições a partir de 1541, e as vai polindo, com a ajuda dos companheiros, até 1552. Elogiadas como modelo de organização, o fundamental das Constituições não é a letra material e sim "a lei interior da caridade". O ponto central está nisso: que os companheiros se sintam enviados a uma Missão: "o serviço divino e a ajuda às almas". A meta de todo este esforço humano é "a maior glória de Deus". Esta expressão aparece 259 vezes nas Constituições e passou a ser o lema dos Companheiros de Jesus, ou os "Jesuítas" como são conhecidos geralmente. Elas foram oficialmente aprovadas em 1558, pela 1ª Congregação Geral, que elegeu o Padre Diego Laínez como segundo Geral da Companhia, sucessor de Inácio.

O Padre Mestre Inácio envelhece e sua saúde se deteriora. A Companhia cresce e se estende pelo mundo. Na casa contígua à igrejinha de Nossa Senhora da Estrada, o Geral atende aos negócios, revisa a correspondência. Houve dias em que foram expedidas, de seu gabinete, trinta cartas. De lá saía, mancando, para suas visitas sociais: aos enfermos, aos menores abandonados, às prostitutas arrependidas, para o que tinha grupos de pessoas que o ajudavam, chamados Confrarias. Visita o Colégio Romano e o Colégio Germânico, por eles fundados, situados a poucas quadras de sua residência. O primeiro, inaugurado em 1551, dá aulas gratuitas a alunos externos e prepara os jovens jesuítas que se encaminham ao Sacerdócio. Mais tarde, este colégio se converterá na célebre Universidade Gregoriana. No Colégio Germânico se preparam os futuros Sacerdotes que trabalharão na Alemanha, dividida pela crise protestante.

O velho Geral reza muito. Os temas de sua oração são os problemas que deve resolver cada dia. Durante a Missa e a Meditação se comove de tal maneira que lhe brotam freqüentes e abundantes lágrimas de devoção. Tem o privilégio de receber na Companhia a dois futuros Santos da Igreja: em 1543, a São Pedro Canísio, apóstolo da Alemanha, e em 1546, a São Francisco de Borja, que era Duque de Gandia (Espanha) e que, depois, será o terceiro Geral na Companhia. Porém, nesse mesmo ano, morre prematuramente Pedro Fabro. E, em 2 de dezembro de 1552, quase abandonado, nas costas da China, ocorre o falecimento do grande missionário Francisco Xavier. Sua morte só se conheceu em Roma em 1555, e o Padre Inácio emocionou-se profundamente. Fabro e Xavier eram os homens de mais prestígio para suceder-lhe no cargo.

Inclusive, em 1553, sem saber que Xavier já tinha morrido, o Geral ordenou ao missionário para que voltasse a Roma.

E os outros primeiros companheiros? Faleceram na Companhia e, dentro de suas possibilidades, realizaram um bom trabalho. Evidentemente, nem todos eles foram gigantes no espírito como Loyola, Xavier ou Fabro.



S.Francisco Xavier, o patrono das missões jesuíticas

Na madrugada do dia 31 de julho de 1556, o Padre Inácio entregou sua alma. Como estava doente havia tempo, ninguém pensava que ele iria morrer tão cedo assim. Na véspera, Inácio tinha solicitado a seu secretário Polanco que fosse ao Papa pedir uma bênção especial. Polanco, sem pressa, deixou para o dia seguinte. Quando voltava com a bênção papal, o Geral já tinha expirado serenamente, com a consciência de uma vida bem vivida ao serviço de Deus.

Foi Inácio de Loyola um grande homem? Sem dúvida nenhuma. Mas não é nossa intenção convertê-lo num ídolo. Teve lutas e defeitos como os demais. Todavia, os Jesuítas copiaram de seu fundador a audácia e o entusiasmo no seguimento do único Chefe, Jesus Cristo. Foi Inácio o líder autoritário e o político frio que alguns têm querido assinalar? Os estudos biográficos sérios mostram o contrário: um ser prudente e dono de si mesmo, evidentemente humano e respeitoso dos demais, um amigo, um pai, um Sacerdote, alguém de profunda fé. Se sua personalidade foi tão forte a ponto de impressionar a alguém da estatura de Xavier, isto foi uma qualidade, e não um defeito. Soube-se analisar as pessoas e "discernir" sobre os acontecimentos. Isso foi uma grande virtude humano-divina, que chegou a todo mundo em seus escritos, em especial em seus Exercícios Espirituais.

Com a morte de Inácio, a Companhia enfrentou o futuro com o espírito combativo que dele herdou. Em seus quatro séculos de história não lhe faltaram incompreensões, expulsões e martírios. Incluindo Inácio, que foi beatificado em 1609, e canonizado em 1622, pelo Papa Gregório XV, a Companhia conta com 42 santos, entre os quais 27 mártires; 141 jesuítas beatificados: 133 deles mártires; são o melhor presente de Deus à Companhia. Atualmente há mais de 21.000 jesuítas que "combatem sob a bandeira da cruz, entre êxitos e fracassos, compreendidos ou incompreendidos, com o olhar posto na Maior Glória de Deus".

Da Fórmula ou Regra da Companhia de Jesus

(Tomada da Bula de Confirmação do Instituto por Júlio III - 1551)

Todo aquele que pretender combater por Deus
sob a bandeira da Cruz, na nossa Companhia,
que desejamos se assinale com o nome de Jesus,
e servir somente ao Senhor e à sua Esposa, a Igreja,
sob a direção do Romano Pontífice,
Vigário de Cristo na terra, depois dos votos solenes
de perpétua castidade, pobreza e obediência,
persuada-se que é membro da Companhia,
instituída principalmente para a defesa e propagação da Fé e o aperfeiçoamento das almas... Foi também instituída para pacificar os desavindos, piedosamente ajudar e servir os que se encontram presos nas cadeias, os enfermos nos hospitais, e exercitar as outras obras de caridade... E procure ter diante dos olhos, enquanto viver, principalmente a Deus e depois a Regra deste Instituto, que é um caminho seguro para ir até Ele. E este fim, que lhe foi proposto por Deus, procure alcançá-lo com todas as forças.

Informações gerais sobre a Companhia de Jesus

Companhia de Jesus tem sua Sede Geral, em Roma. Sua organização, para que o Superior Geral tenha conhecimento do que acontece em todos os Países, onde se encontram os 22.869 (1996) Jesuítas, é dividida em

Províncias. Há, no Brasil, 04 (quatro) Províncias e um Distrito Missionário da Amazônia: a) Província da Bahia; b) Província do Brasil Setentrional; c) Província do Brasil Centro-Leste; d) Província do Brasil Meridional. A Província do Brasil Meridional abrange os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia.



Padre Anchieta, representante de S.Inácio no Brasil.

A Companhia de Jesus sempre se empenhou em formar do melhor modo possível os seus Jesuítas. Esta formação passa por diversas etapas: a) antes do Noviciado; b) o Noviciado; c) a Filosofia; d) o magistério; e) a Teologia e f) a 3ª Provação. Este é o currículo de todos os Jesuítas. Muitos, no entanto, ainda fazem cursos como Direito; Economia; Administração de Empresas; Letras, Pedagogia, Espiritualidade.

Embora a Companhia de Jesus não tenha um campo específico de trabalho, porque seu lema é trabalhar para a maior Glória de Deus e o maior bem das Almas, desde os primeiros tempos, logo após a fundação, já em 1549, começou a dar ênfase ao campo educacional. No Brasil a Companhia de Jesus mantém mais de 20 Instituições Jesuíticas. A Companhia de Jesus mantém centenas de Colégios e Universidades em todo o mundo.